

EDMUND WILSON

OS MANUSCRITOS
DO MAR MORTO

1947-1969

Tradução
Hildegard Feist



Copyright © 1955, 1967, 1969 Edmund Wilson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Dead sea scrolls

1947-1969

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Stella Weiss

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Marcelo D. de Brito Riqueti

Índice remissivo

Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilson, Edmund

Os manuscritos do mar Morto : 1947-1969 / Edmund Wilson ;
tradução Hildegard Feist. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2009.

Titulo original: The Dead sea scrolls : 1947-1969.

ISBN 978-85-359-1475-7

1. Manuscritos do mar Morto I. Título.

09-04638

CDD-296.155

Índices para catálogo sistemático:

1. Manuscritos de Qumrā 296.155
2. Manuscritos do mar Morto 296.155

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

- OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO, 1955
1. O metropolita Samuel *10*
 2. A ordem dos essênios *26*
 3. O mosteiro *44*
 4. O Mestre da Retidão *55*
 5. O que Renan teria dito? *75*
 6. O general Yadin *107*
- 1955-1967
- Apresentação *116*
1. Polêmicas *118*
 2. O apócrifo do Gênesis *132*
 3. Os Salmos *136*
 4. O *pesher* de Naum *142*
 5. John Allegro *150*
 6. Os manuscritos de cobre *157*
 7. Os textos *162*
 8. Os Testimonia *168*
 9. A Epístola aos Hebreus *174*
 10. Massada *180*
 11. Documentos duvidosos *196*
- “NA VÉSPERA”, 1967
1. *Tattoo* *204*
 2. Palestinos *208*
 3. As duas Jerusalém *211*
 4. O novo Museu Nacional de Israel *218*

- 5. Conversas com Yadin e Flusser 222
- 6. Partida 232

A guerra de junho e o rolo do Templo 237
Reflexões gerais 247
Apêndice 265
Índice remissivo 279
Sobre o autor 291

ESTE VOLUME CONTÉM, primeiro, uma reedição ligeiramente revista de meu livro *The scrolls from the Dead sea* [Os manuscritos do mar Morto], publicado em 1955. Precedia-o na edição original a seguinte nota:

O presente ensaio foi publicado pela primeira vez, em forma reduzida, na revista *New Yorker*. Sou grato a esse periódico por ter possibilitado minha viagem à Palestina, e a seus editores e seu departamento de revisão pela meticulosa atenção que deram ao texto. Devo agradecer também ao metropolita, mar Athanasius Yeshue Samuel, ao padre Roland de Vaux, da École Biblique da Velha Jerusalém, ao dr. James Muilenberg, do Union Theological Seminary, e ao dr. W. F. Albright, da Johns Hopkins, que leram o manuscrito, na íntegra ou em parte, fizeram suas críticas e correções e me prestaram ainda outros tipos de ajuda. Tenho uma dívida especial de gratidão para com Stewart Perowne, de Jerusalém, que cuidou de minha expedição ao mar Morto.

Segue-se um relato do trabalho feito com os pergaminhos a partir de 1955 e de minha viagem ao Oriente Médio — também financiada pela *New Yorker* —, efetuada em 1967 com o objetivo de atualizar o texto anterior. A maior parte desse material foi publicada originalmente na *New Yorker*. Outros agradecimentos relativos a isso estão na apresentação. Na segunda parte não hesitei em repetir informações que constavam da primeira, pois o assunto é tão complexo e tão desconhecido para a maioria dos leitores que estes podem não se lembrar muito bem dos nomes e fatos mencionados nos capítulos anteriores.

OS MANUSCRITOS
DO MAR MORTO
1955

1. O METROPOLITA SAMUEL

EM ALGUM MOMENTO NO INÍCIO DA PRIMAVERA de 1947, um garoto beduíno chamado Muhammed, o Lobo, pastoreava umas cabras perto de um rochedo na margem ocidental do mar Morto. Escalando a rocha para reconduzir ao rebanho uma cabra que se afastara, o menino se deparou com uma caverna que nunca tinha visto e jogou uma pedra em seu interior. Ouviu um barulho incomum de coisas se quebrando. Assustou-se e fugiu. Mais tarde, no entanto, voltou com outro menino e juntos exploraram a caverna. Ela continha diversos jarros altos de argila, entre os cacos de outros jarros. Quando retiraram as tampas, sentiram um cheiro muito ruim que se desprendia dos objetos escuros e oblongos encontrados em todos os jarros. Levaram tais objetos para fora da caverna e então viram que estavam envoltos em faixas de linho e recobertos de uma substância preta que parecia piche ou cera. Desembrulharam-nos e descobriram longos manuscritos, o texto anotado em colunas paralelas sobre folhas finas costuradas entre si. Embora desbotados e rotos em alguns lugares, os manuscritos em geral apresentavam extraordinária nitidez. Os caracteres não eram arábicos. Os garotos admirados se apoderaram dos pergaminhos e foram embora.

Esses pequenos beduínos pertenciam a um grupo de contrabandistas que levavam suas cabras e outras mercadorias da Transjordânia para a Palestina. Haviam se desviado tanto para o sul porque queriam evitar a ponte sobre o Jordão, guardada por aduaneiros armados, e passaram seu contrabando pelo rio. Agora se dirigiam a Belém, onde pretendiam vender seus produtos no mercado negro, e foram até o mar Morto a fim de se abastecer de água na fonte de Ain Feshkha, a única existente em vários quilômetros daquela região árida, quente e desolada.

Ali estavam seguros: tratava-se de uma localidade desprovida de atrativos, à qual ninguém ia. Em Belém venderam seu contrabando e mostraram os manuscritos ao comerciante que o comprara. O homem não sabia o que vinha a ser aquilo e recusou-se a pagar as vinte libras exigidas; assim, os contrabandistas os ofereceram a outro mercador, do qual sempre compravam suas provisões. Sendo sírio, esse segundo comerciante achou que os textos podiam estar escritos em siríaco antigo e através de um compatriota avisou o metropolita sírio no mosteiro de São Marcos, na Velha Jerusalém.

O metropolita, mar Athanasius Yeshue Samuel, demonstrou inegável interesse. Sabia que desde os primeiros séculos do cristianismo ninguém havia vivido perto de Ain Feshkha e ficou impressionado quando lhe contaram que os manuscritos estavam “envoltos como múmias”. Levaram-lhe um dos rolos; o metropolita rasgou um pedaço, queimou-o e pelo cheiro concluiu que era de couro ou pergaminho. Reconheceu o idioma como hebraico, porém não o entendia o bastante para descobrir do que se tratava. Mandou dizer que compraria os rolos, mas entrementes os beduínos partiram em outra expedição. Passaram-se várias semanas. Em julho um dos sírios apareceu para dizer ao metropolita que ele e os beduínos lhe levariam os manuscritos. O metropolita esperou-os a manhã inteira. Por fim foi almoçar, e então os visitantes chegaram. Foram despachados na porta, e o padre que se recusou a recebê-los foi dizer ao metropolita que uns árabes de má catadura tinham estado ali com uns rolos velhos e sujos e que, vendo que o idioma dos textos não era siríaco e sim hebraico, mandara-os a uma escola judaica. O metropolita imediatamente entrou em contato com o sírio que levara os beduínos até o mosteiro e soube que estes haviam mostrado os pergaminhos a um comerciante judeu que encontraram na porta de Jafa. Esse comerciante ofereceu-lhes o que consideraram um bom preço, mas explicou que deviam ir receber o dinheiro em seu escritório, na estrada de Jafa, na Cidade Nova e predominantemente judia.

No verão de 1947, Jerusalém já era uma cidade nitidamente

dividida entre árabes e judeus. Em seu esforço para ganhar a simpatia dos árabes e mantê-los longe da Rússia, os ingleses impediram que refugiados da Europa desembarcassem em portos palestinos, o que criou muitas dificuldades para os emigrantes e chegou mesmo a causar grande número de mortes. Em represália os judeus organizaram um grupo terrorista, que matou soldados ingleses, e os ingleses andaram enforcando esses terroristas. Os judeus reagiram com bombas e minas, deixando um laço de corda no cenário de cada assassinato. Os ingleses raptaram então um garoto de dezesseis anos que seria membro do Grupo Stern. Os judeus acharam que o menino foi torturado e morto: nunca se encontrou seu corpo; e os terroristas explodiram o cárcere onde os ingleses trancafiavam prisioneiros políticos. Alguns dos homens que fizeram isso foram capturados e enforcados, e os judeus enforcaram dois sargentos ingleses e a um dos corpos ataram uma bomba. Na época em que os manuscritos foram postos à venda os setores judaicos de Jerusalém se encontravam sob lei marcial; por conseguinte o comerciante sírio que negocou os rolos com o mosteiro não teve dificuldade em convencer os beduínos de que o comerciante judeu estava planejando uma armadilha para eles — que, uma vez na estrada de Jafa, seriam despojados de sua propriedade e aprisionados; e mencionou a lei palestina segundo a qual as antiguidades descobertas deviam ser imediatamente entregues ao governo. Até persuadiu os beduínos a deixarem cinco manuscritos em sua loja e por fim os levarem ao mosteiro, onde o metropolita os comprou, juntamente com alguns fragmentos, por um preço que nunca foi divulgado, mas que, segundo se diz, foi da ordem de cinquenta libras.

Às vezes se critica o metropolita Samuel pela forma ardilosa com que lidou com os manuscritos do mar Morto; entretanto, se usou de esperteza, acredito que foi apenas no cuidado de não revelar suas verdadeiras intenções, como é bastante comum no Oriente Médio — uma exigência rotineira e mínima num lugar onde todas as transações comerciais se baseiam na regra da barganha. Na verdade eu diria que, longe de criar problema para si mesmo sendo esperto demais, o metropolita acabou prejudicado

pela inocência. Desconhecendo o mundo ocidental, demorou muito, como veremos mais adiante, para beneficiar-se em algum nível proporcional ao valor de sua aquisição extraordinária; e merece um crédito enorme; só se pode admirar — sobretudo levando-se em conta o capítulo de inépcia que se segue — seu bom senso em reconhecer que manuscritos até então desconhecidos da região inhabitada do mar Morto poderiam revelar-se interessantes e sua fidelidade a essa convicção, apesar do esmorecimento. Com sua abundante barba negra, seus grandes olhos castanhos, sua mitra de cetim preto, seus mantos negros de mangas imensas, a enorme cruz de ouro e o ícone da Virgem que lhe pendem das correntes no pescoço, o metropolita — com uma corpulência e uma palidez que não são muito clericais — é um belo homem, que lembraria um baixo-relevo assírio se tivesse uma expressão feroz ao invés de gentil. Possui um aspecto digno, simples e calmo, talvez com algo de infantil. Não é um “intelectual”, não nutre nenhum interesse cultural específico, mas desempenha com zelo seu papel de sacerdote da Igreja jacobita síria, que é muito anterior à grega e se vangloria de descender diretamente da Santa Sé de Antioquia fundada por Pedro e de ter dominado outrora toda a cristandade oriental. É uma das cinco igrejas permanentemente representadas na igreja do Santo Sepulcro, e diz-se que o mosteiro de São Marcos se ergue no local da casa onde ocorreu a Santa Ceia.

A primeira coisa que fez ao comprar os manuscritos hebraicos foi mandar um de seus padres, acompanhado do mercador, verificar a história da caverna. Encontraram a caverna no lugar indicado pelos beduínos e em seu interior viram os jarros, fragmentos dos involucros de linho e dos manuscritos. Passaram a noite ali, sufocando com o calor horrível — era a segunda semana de agosto — e, como todas as suas provisões eram alguns melões, resolveram não ficar mais tempo na caverna. Nem conseguiram levar um dos grandes jarros de argila, como a princípio esperavam. (Os beduínos, contudo, apossaram-se de dois, que usavam para carregar água.) O problema agora consistia em descobrir o que eram os manuscritos e que idade tinham. O metropolita

Samuel consultou um sírio seu conhecido que trabalhava no Departamento Palestino de Antiguidades e um padre francês da École Biblique dominicana, um centro de pesquisa arqueológica na Velha Jerusalém.

Quem está do lado de fora não pode deixar de se impressionar com a frequente relutância do mundo erudito em reconhecer descobertas importantes. Referindo-se ao fracasso dos estudiosos em admitir a antiguidade dos manuscritos do mar Morto, o professor W. F. Albright, da Johns Hopkins, assinalou que

na época, personalidades ilustres relegaram ao reino da ficção a descoberta de Pompeia e Herculano; que, iniciadas as escavações de Hissarlik [a antiga Troia], alguns arqueólogos e muitos filólogos rejeitaram durante décadas os resultados estratigráficos de Schliemann e Dörpfeld; e que só bem depois de terminado o século XIX os informados estudiosos da Antiguidade aceitaram a decifração da escrita cuneiforme.

É óbvio que houve fraudes e imposturas: os falsos livros de Tito Lívio, o suplemento de Petrônio; e o estudioso tem de ficar atento para não engolir inocentemente esses produtos. Entretanto aqui atua também o instinto natural de simplificar os problemas do conhecimento estabelecendo um campo fechado. As pessoas gostam de achar que examinaram todos os dados. Dominaram sua disciplina e trabalharam suas teorias; e é um transtorno — sobretudo para quem sofre de limitações da imaginação — ser obrigado a lidar com material novo. Em alguns lugares ainda há dúvidas sobre a autenticidade do grande poema medieval russo, *A expedição de Igor*. O único manuscrito desse poema foi descoberto no século XVIII, e o original, embora tivesse sido copiado, desapareceu no incêndio de Moscou em 1812. A oposição a esse texto baseia-se no argumento de que não existe nada parecido com ele, e o argumento a favor de sua autenticidade foi formulado por Pushkin, ao declarar que não se sabia de nenhum escritor russo do século XVIII que tivesse

talento e cultura suficientes para cometer uma fraude tão brilhante. Muito mais fortes, contra e a favor, são os argumentos relativos aos pergaminhos. Muito mais improvável, por um lado, é a descoberta dos manuscritos bíblicos anteriores aos que já se conheciam. E ainda mais improvável que alguém tivesse tentado cometer uma fraude tão complicada.

Para compreender a importância dos manuscritos do mar Morto e a obstinada incredulidade dos estudiosos deve-se notar que, exceto um ou dois fragmentos, nosso texto mais antigo da Bíblia hebraica — o chamado texto massorético —, embora tivesse sido datado do século II a.C., não é anterior ao século IX d.C.; e que antes disso nossas principais versões das Escrituras são a dos Setenta de Alexandria, a tradução para o grego que se julga ter começado no século III a.C. e concluída só duzentos anos depois, e a Vulgata de São Jerônimo, elaborada no século IV. Todo o nosso conhecimento literário do mundo bíblico baseou-se nesse antigo texto cristão e nessas duas traduções posteriores, bem como num Pentateuco samaritano, em alguns excertos de versões aramaicas primitivas e nas citações gregas de Justino, o Mártir, em seu diálogo com o rabino Trífon. Todas essas fontes foram muito discutidas, pois diferem entre si de maneiras que parecem indicar que surgiram de outras versões hebraicas que não o texto massorético. No entanto é preciso alguma coragem para encarar novos materiais hebraicos cuja existência nem se imaginava. “Em nenhum dos episódios semelhantes dos últimos dois séculos [...]”, continua o professor Albright, “houve tão ampla recusa por parte dos estudiosos em aceitarem evidências definitivas.” Os primeiros especialistas consultados pelo metropolita Samuel não o encorajaram. Na época os dois arqueólogos mais competentes naquela parte do globo eram G. Lankester Harding, do Departamento de Antiguidades da Transjordânia, e o padre Roland de Vaux, da École Biblique; porém o último se encontrava então em Paris, e ao primeiro o metropolita não teve acesso. As pessoas que procurou nessas instituições disseram-lhe que a coisa era inédita: os manuscritos não podiam ser antigos. Parece que ninguém se

esforçou para lê-los até que o metropolita os mostrou ao padre J. van der Ploeg, um erudito holandês que visitava a École Biblique e identificou um dos rolos como de Isaías; contudo os eruditos da escola o dissuadiram de se aprofundar no assunto.

O metropolita levou os pergaminhos ao patriarca sírio de Antioquia, que lhes atribuiu não mais que três séculos de idade, porém sugeriu ao prelado que consultasse o professor de hebraico da American University em Beirute. O metropolita foi a Beirute, mas descobriu que o professor estava de férias. Decidiu então estudar o problema sozinho e, de volta a Jerusalém, pediu a seu amigo do Departamento de Antiguidades que lhe fornecesse alguns livros sobre o alfabeto hebraico. O arqueólogo sírio garantiu-lhe que era perda de tempo, que os rolos “não valiam um xelim”; todavia levou ao mosteiro um judeu da Cidade Nova, Tovia Wechsler, especialista em hebraico. Segundo o metropolita, essa visita de Wechsler ocorreu em fins de setembro. Entretanto Wechsler se lembra de ter ido ao mosteiro em julho, e sua afirmação contradiz o que mais tarde se soube sobre os manuscritos. Ele também não acreditou que fossem tão antigos quanto o metropolita esperava. Wechsler apontou para a mesa onde estavam os pergaminhos — quanto a isso os relatos de ambos concordam — e declarou: “Se essa mesa fosse uma caixa e o senhor a enchesse com notas de libras, mesmo assim não alcançaria o valor dos manuscritos, se tivessem de fato 2 mil anos de idade, como o senhor diz”. Não acreditava que haviam sido encontrados numa caverna junto ao mar Morto. Examinou um deles e notou que as correções escritas nas margens e os acréscimos no final das colunas, onde o texto se apagava, foram feitos com uma tinta que pela clareza contrastava com a tinta do copista original e a partir disso deduziu que o rolo “foi usado por uma comunidade muito pobre durante um tempo considerável e abandonado recentemente”. Daí concluiu que os manuscritos foram roubados de uma sinagoga palestina na época dos tumultos antijudaicos provocados pelos árabes em 1929. Reconheceu um texto de Isaías e constatou que diferia ligeiramente do texto massorético. O segundo documento que examinou era, a seu ver, um rolo de Haf-

taroth — a saber, uma seleção das lições dos Profetas lidas nas sinagogas. Todavia não se encontrou nenhum Haftaroth entre os manuscritos conhecidos do mar Morto, e o metropolita diz que o que Wechsler deve ter tomado por um rolo de Haftaroth era um manuscrito da Torá (o Pentateuco), que lhe mostrou na mesma visita e que não tinha nada a ver com os pergaminhos do mar Morto. Entre estes, como se descobriu posteriormente, havia três livros não bíblicos que não se conheciam, e outros pensam que Wechsler deve ter tomado um deles por um rolo de sinagoga moderno. Wechsler rebate essa teoria, dizendo que lhe lembra a “história do homem que contou ter visto um camelo e depois de descrever o animal ouviu uma pergunta da plateia: ‘Você não teria visto um gato?’”. O incidente permanece obscuro. Quando a American School of Oriental Research examinou o assunto, o único manuscrito hebraico que os pesquisadores encontraram na biblioteca do mosteiro foi uma Torá relativamente moderna.

“Desnecessário é dizer que fiquei desanimado”, escreve o metropolita, “mas ainda achava que estavam errados.” A princípio podemos nos surpreender com o fato de um homem de tamanha importância em Jerusalém — o equivalente a um arcebispo ocidental — ter demorado tanto para procurar as autoridades competentes, que estavam bem ali à mão; todavia, em Jerusalém, a gente muitas vezes se surpreende com a falta de conhecimento e de interesse demonstrada pelos vários grupos em relação aos assuntos dos outros. Na discussão dos manuscritos posteriormente publicada, o metropolita Samuel às vezes é mencionado como “o patriarca”; e, conversando com eruditos na Cidade Nova, numa visita recente a Israel, fiquei perplexo com sua vagueza em relação a ele; alguns acreditavam que ainda estava no mosteiro, embora Samuel o tivesse deixado em 1948. Veremos que em seus esforços para lidar com os pergaminhos o metropolita quase sempre recorreu a outros sírios. Parece que no Oriente Médio a Igreja de cada um é seu mundo social e pouco se sabe das outras. Mesmo nos Estados Unidos os fiéis das quatro diferentes Igrejas sírias pouco se misturam; e ao cruzar qualquer fronteira no Oriente Médio às vezes um americano fica perplexo quando

lhe perguntam sua “nacionalidade”, pois já declarou sua cidadania americana: “nacionalidade”, explicam-lhe, quer dizer “religião”. De qualquer modo, parece que foi por mero acaso que o metropolita Samuel finalmente entrou em contato com uma instituição que podia ajudá-lo, e mesmo assim o contato não surtiu resultados. Acontece que um médico judeu foi até o mosteiro se informar sobre o aluguel de um edifício que pertencia à propriedade da igreja. O metropolita aproveitou a oportunidade para lhe falar sobre os manuscritos. O visitante tomou a atitude óbvia: chamou o presidente Magnes da Universidade Hebraica. Poucas semanas depois o dr. Magnes enviou dois homens da biblioteca da universidade. Estes disseram que teriam de consultar uma autoridade no assunto e pediram para fotografar algumas colunas de um dos manuscritos. O metropolita consentiu, porém os bibliotecários jamais voltaram. Na mesma tarde, também chamado pelo médico, um judeu negociante de antiguidades chegou ao mosteiro. Aconselhou remeter os pergaminhos a determinados comerciantes da Europa e dos Estados Unidos. “Recusei-me a fazer isso”, conta Samuel.

Não se sabe ao certo se os homens da biblioteca não voltaram ao mosteiro, conforme prometeram, em função da situação conturbada ou da ausência de E. L. Sukenik, arqueólogo chefe da universidade. De qualquer maneira o professor Sukenik retornou em fins de novembro e através de um judeu negociante de antiguidades (não o mesmo que estivera no mosteiro) soube que alguns manuscritos de uma caverna junto ao mar Morto estavam em poder de um comerciante de Belém. Tratava-se do comprador do contrabando que fora o primeiro ao qual os beduínos ofereceram os rolos. Ele descobriu que tinham algum valor e adquirira os pergaminhos restantes. Esses eram os outros três rolos que o metropolita Samuel não pôde comprar.

Sukenik registrou em seu diário o que se seguiu:

25 de novembro de 1947: Hoje encontrei X [negociante de antiguidades]. Descobriu-se num jarro um livro hebraico. Ele

me mostrou um fragmento escrito em pergaminho. *Genizah*?! [Genizah é uma sala da sinagoga onde se guardam velhos manuscritos abandonados. Todos os manuscritos da sinagoga são sagrados e não se pode destruí-los. Sukenik achou que a caverna do mar Morto fora usada para esse fim.]

27 de novembro de 1947: Vi na loja de X [o negociante] quatro peças de couro com texto em hebraico. A escrita me parece antiga, muito semelhante à da inscrição de Azarias. É possível? Ele diz que também há jarros. Examinei e encontrei um bom hebraico bíblico, um texto desconhecido para mim. Ele diz que um beduíno da tribo Ta'âmireh lhe levou os pergaminhos.

29 de novembro de 1947: Hoje de manhã estive na loja de X. Tornei a examinar os pergaminhos, que inspiram estranhos pensamentos. À tarde fui com X a Belém. Vi os jarros e tive dificuldade em me pronunciar quanto a sua data. Levei-os comigo. Hoje à noite soubemos que a proposta de partilha foi aceita por uma maioria de mais de dois terços. Parabéns!

Tratava-se da partilha da Palestina, votada nesse dia pelas Nações Unidas. O clima era muito tenso. Sukenik perguntou a seu filho, um oficial do Haganah, o grupo clandestino de defesa judaica, se as estradas eram seguras o bastante para ir a Belém. “Como militar”, diz o jovem Sukenik (hoje general Yigael Yadin), “respondi que não devia realizar a viagem; como arqueólogo, respondi que devia ir; como seu filho — que tinha de guardar minha opinião para mim.” O pai foi a Belém e levou na volta todo o segundo lote de rolos à exceção de um — descobriu-se depois que consistia de três manuscritos (um deles em três peças) e um punhado de fragmentos. No dia seguinte explodiram as hostilidades abertas e violentas. Os árabes tentaram isolar os judeus cortando suas comunicações com Tel Aviv: emboscaram ônibus de judeus, queimaram-nos e dispararam contra eles.

O diário de Sukenik prossegue: